

OPINIÃO

SOCIALISTA



FORA TRUMP!

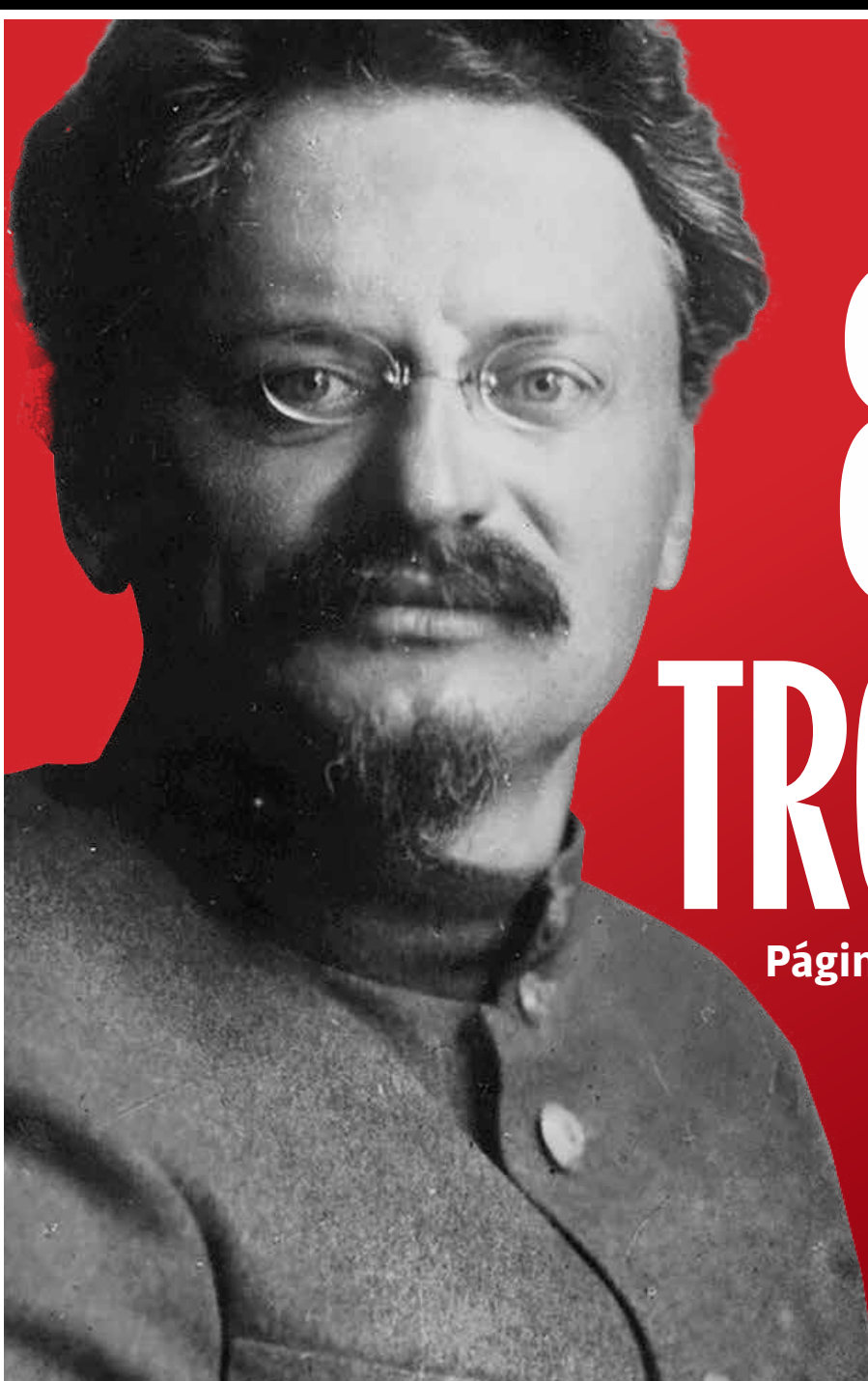
**LULA, EXIGIMOS SOBERANIA
E ESTABILIDADE NO EMPREGO!**

[Páginas 32 a 40 | Clique aqui](#)



**PALESTINA
LIVRE DO
RIO AO
MAR**

[Páginas 22 a 31 | Clique aqui](#)



85 ANOS
SEM
TROTSKY

[Páginas 51 a 59 | Clique aqui](#)

O QUE VOCÊ ENCONTRARÁ NESTA EDIÇÃO

NOTAS | Pág. 4 e 6

Bolsonaristas defendem *big techs* e são contra punição da adultização infantil

Quilombolas denunciam incêndio e contaminação por agrotóxico

Pág. 7 a 12

Editorial

**BANQUEIROS ARRANCAM O COURO
DOS TRABALHADORES E ABAIXAM
A CABEÇA PARA TRUMP**

Pág. 13 a 21

Nacional

**MANUAL DE INSTRUÇÕES PARA
VENDER UMA CRIANÇA**

Pág. 22 a 31

Palestina

**ISRAEL PREPARA EXPULSÃO DE
PALESTINOS EM MEIO AO REPÚDIO
INTERNACIONAL**

Pág. 32 a 40

Centrais

**APÓS TARIFAÇO, TRUMP DOBRA
AMEAÇA À SOBERANIA DO BRASIL**

Pág. 41 a 50

Meio Ambiente

**COP30: UM BALCÃO DE NEGÓCIOS
PARA MASCARAR A DESTRUIÇÃO**

Pág. 51 a 59

História

**TROTSKY VIVE! SOCIALISMO COM
DEMOCRACIA OPERÁRIA OU COM
DITADURA BUROCRÁTICA?**

Pág. 60 a 64

Movimento

**METALÚRGICOS SE UNIFICAM PELA
CAMPANHA SALARIAL E CONTRA OS
ATAQUES DE TRUMP**

Pág. 65 a 69

Movimento

**LUTA DOS QUEIXADAS CHEGA À
ETAPA DECISIVA**

Pág. 70 a 74

Cultura

**ARLINDO CRUZ: O SAMBISTA
PERFEITO**

CONTRIBUA PARA UMA IMPRENSA SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

O Opinião Socialista é o jornal oficial do PSTU. Nestes mais de 28 anos, o Opinião sempre se firmou de forma contundente como uma imprensa operária, de esquerda, um contraponto à hegemonia da mídia burguesa. Durante esses anos, o jornal adquiriu diferentes formatos ou periodicidade. Mas esteve sempre ligado à luta de classes.

Para continuar defendendo uma visão socialista do mundo a serviço da classe trabalhadora, o Opinião pede a sua contribuição. Faça uma contribuição e fortaleça uma ferramenta para a discussão de uma estratégia socialista para se mudar de fato a realidade. Confira abaixo como você pode contribuir.

OPINIÃO SOCIALISTA

Banco do Brasil
Agência: 4054-1
Conta: 26751-1
PIX: 55.446.524/0001-00



EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ: 06.021.557/0001-95 /Atividade Principal 47.61-0-01

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mariúcha Fontana (MTb 14555)

REDAÇÃO: Diego Cruz, Jeferson Choma, Júlio Anselmo, Luciana Candido e Roberto Aguiar

DIAGRAMAÇÃO: Ana Sbabbo

CONTATOS

@@opiniaosocialista

📞 Clique aqui e fale conosco pelo WhatsApp

✉️ opinião@pstu.org.br

🏠 Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista - São Paulo
(SP) CEP: 01313-000

CONGRESSO

Bolsonaristas defendem *big techs* e são contra punição da adultização infantil



A oposição de direita na Câmara, alinhada ao ex-presidente Jair Bolsonaro, anunciou obstrução para dificultar a votação do PL 2628/22, conhecido como “PL da Adultização”. O projeto, que estabelece regras para proteger crianças on-line, com controle parental e responsabilização de provedores, foi pautado com urgência. A líder da minoria, deputada Carol de Toni (PL-SC), criticou a proposta, afirmando que ela daria “poderes excessivos” ao governo para regular as redes sociais e controlar as *big techs*. O grupo alega que a proteção infantil é um pretexto para censura e maior intervenção estatal nas plataformas digitais. O projeto, já aprovado no Senado, ganhou força após a repercussão de denúncias de youtubers sobre a exploração de menores na internet.

O AGRO É FOGO

Quilombolas denunciam incêndio e contaminação por agrotóxico



No Quilombo Cocalinho, município de Parnarama, no Maranhão, foram detectados nove tipos de agrotóxicos nas águas da comunidade, em uma única amostra coletada. O território quilombola é reconhecido pela Fundação Cultural Palmares desde 2014, mas ainda não tem a titularização, o que mantém a comunidade em situação de maior insegurança e conflitos. A comunidade está cercada por monocultivos e a pulverização do veneno contaminou a água do território. Mas não é só isso. Como forma de pressionar os

moradores, no último dia 19, os fazendeiros atearam fogo na palheira das plantações e por muito pouco as chamas não atingiram as casas dos quilombolas. Raimunda Nonata, liderança da comunidade, explicou que os moradores passaram o dia e a madrugada inteira tentando evitar que as chamas reduzissem a comunidade a cinzas. Em uma entrevista ao Opinião, realizada em fevereiro, ela já havia denunciado: “A saúde da nossa população está bastante afetada. A pulverização de agrotóxicos feita por aviões está destruindo as nossas vidas, a natureza. Estamos bebendo água e comendo comidas contaminadas. A gente não sabe mais por onde correr, qual a solução buscar para esse problema, porque a gente vê em nível nacional, em nível estadual, a ganância desses plantadores de milho, de soja”.



Edição 21 - Maio de 2025

MARXISMO VIVO

CRISE DA ORDEM MUNDIAL
E LUTA INTERIMPERIALISTA

Garanta a última edição da Marxismo Vivo

aponte a câmera do seu celular para o QR Code ou

CLIQUE AQUI



Banqueiros arrancam o couro dos trabalhadores e abaixam a cabeça para Trump



Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o ministro do STF, Alexandre de Moraes.

Trump desencadeou uma série de medidas contra o Brasil e a América Latina. Primeiro, o tarifaço, com taxas altíssimas e justificativas políticas: garantir impunidade a Bolsonaro e aos golpistas. Depois, a sanção contra o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes. E, mais recentemente, deslocou navios de guerra para a Venezuela.

Ao mesmo tempo, Trump busca proteger os lucros das *big techs* e dos bancos, enquanto promove uma tentativa de ingerência nas instituições brasileiras.

As tarifas são uma agressão econômica e política para garantir os interesses dos monopólios dos EUA e proteger seu aliado político no Brasil. As

estimativas mais baixas dão conta de que 700 mil empregos podem ser extintos com o embargo de Trump, sem falar na inflação. Ou seja, é um duro golpe do imperialismo para, além de proteger seu aliado, aumentar a exploração em cima da classe trabalhadora brasileira.

Já a sanção contra Alexandre de Moraes, via Lei Magnitsky, é uma tentativa descarada de forçar o Judiciário a não punir os golpistas do 8 de janeiro.

DEFENDER A SOBERANIA DO PAÍS E LUTAR CONTRA A EXPLORAÇÃO

O Congresso Nacional, o Executivo, todas as instituições da democracia burguesa, incluindo o STF, não têm nada de bom para oferecer aos trabalhadores. Representam os interesses das classes dominantes e promovem uma série de ataques contra os trabalhadores.

Diante das agressões de Trump, não se trata de defender ou concordar com as instituições brasileiras. Mas, sim, de defender que o Brasil não seja tutelado e controlado diretamente por uma nação estrangeira e de impedir o aprofundamento da espoliação sobre os trabalhadores.

Os EUA são uma potência que enriqueceu explorando, saqueando e dominando países e povos pelo mundo. Isso também transforma as ações de Trump num grave atentado contra a pouca independência e soberania do Brasil.

Afinal, de fato, quem domina a economia do

Brasil são principalmente as multinacionais dos EUA, garantindo que os lucros, fruto da exploração das nossas riquezas, acabem no bolso de bilionários estadunidenses. Mas a dominação dos EUA foi sempre apoiada e mantida em aliança com a burguesia brasileira.

SUBMISSÃO DOS BANCOS

No segundo trimestre de 2025, os cinco maiores bancos brasileiros lucraram cerca de R\$ 28 bilhões. Apesar desse lucro gigantesco, à custa do mecanismo da dívida, que desvia recursos públicos para os banqueiros e aplica taxas de juros extorsivas em cima do povo, há uma certa preocupação no mercado financeiro.

Os EUA sancionaram o ministro Alexandre de Moraes, como forma de pressionar o Judiciário a não investigar a tentativa golpista de Bolsonaro. No entanto, Flávio Dino, ministro do STF, afirmou que os bancos brasileiros não podem cumprir a decisão dos EUA em congelar as contas de Alexandre de Moraes sem antes passar pelo STF. Enquanto isso, o governo dos EUA reafirma que “nenhum tribunal estrangeiro pode invalidar as sanções dos Estados Unidos - ou poupar alguém das consequências graves de violá-las”. Ou seja, está em questão quem manda no sistema financeiro brasileiro.

Os bancos têm que decidir se obedecem aos EUA, e congelam as contas de Moraes, ou se obedecem ao STF. Se não obedecerem aos EUA, poderão tomar pesadas sanções, enfrentando problemas sérios para acessar o mercado dos EUA e mundial. Mas, se sancionarem, enfrentarão possibilidades de multa do STF.

Diante disso, analistas do mercado já dizem que provavelmente os banqueiros obedecerão aos EUA, porque é mais barato pagar a multa do STF do que a sanção dos EUA.

Isso prova que o lucro é o que move os capitalistas. Os banqueiros lucram bilhões com os juros da dívida pública, uma das maiores do mundo, garantidos pelo arcabouço fiscal do governo Lula.

Ainda assim, extorquem o povo com taxas e juros que ultrapassam os 400%. E não estão nem aí com o país, com a nossa soberania ou com a independência nacional. O mercado financeiro brasileiro quer obedecer às leis dos EUA, mostrando a subserviência da burguesia brasileira. Mas também escancarando, na prática, o real significado da dominação econômica imperialista que os EUA exercem sobre o mundo.

O GOVERNO LULA E A CONCILIAÇÃO

Em vez de enfrentar o imperialismo, Lula e sua equipe econômica procuram conciliar. Chegaram ao ponto de sugerir, junto com os bancos, que ministros do STF abram conta em cooperativas de crédito para que os bancos possam obedecer às ordens dos EUA.

Diante do tarifaço de Trump, a resposta foi ainda mais vergonhosa: nenhum tipo de retaliação, apenas um pacote de bondades para os grandes empresários, com acesso a dinheiro público e subsídios, sem qualquer garantia de emprego ou salários para os trabalhadores.

Isso ainda se soma ao arcabouço fiscal e aos

cortes no Benefício de Prestação Continuada (BPC), na Saúde e na Educação.

Por isso, não basta lamentar ou esperar que os EUA “não escalonem o conflito”. É preciso exigir medidas concretas:

Retaliar as tarifas! Não cumprir as sanções dos EUA!

Nenhum emprego e direito a menos! As empresas exportadoras que demitirem devem ser estatizadas e colocadas sob controle operário!

Fim do arcabouço fiscal, suspensão da dívida e proibição da remessa de lucros aos bancos e empresas transnacionais dos EUA!

Nacionalização dos bancos e do sistema financeiro sob controle dos trabalhadores!

Para garantir isso, os trabalhadores devem estar à frente do embate com os ataques do imperialismo, de forma independente do governo e dos patrões, aliando a luta por soberania à luta contra o arcabouço fiscal e pelas suas reivindicações: a garantia dos empregos, o fim da escala 6×1, terra, salário, direitos e renda.

FORA MILITARES DOS EUA DA AMÉRICA LATINA!

Enquanto isso, Trump está reforçando a pressão militar. Esta semana, três destróieres, com mais de 4 mil soldados, foram deslocados para a costa venezuelana. Trump já assinou ordens secretas,

no Pentágono, autorizando o uso de força na América do Sul sob o pretexto de “combate ao narcotráfico”. Pura desculpa para ampliar a ingerência econômica e política, por meio de uma pressão militar.

Sempre fomos oposição ao chavismo e ao governo Maduro, que representam uma ditadura capitalista contra os trabalhadores. Mas isso não dá aos EUA o direito de atacar em nome dos seus interesses imperialistas. A defesa da soberania contra o imperialismo é central.■

Os trabalhadores devem responder, denunciando e exigindo: “Fora os soldados dos EUA da América Latina! Nenhuma intervenção imperialista!”



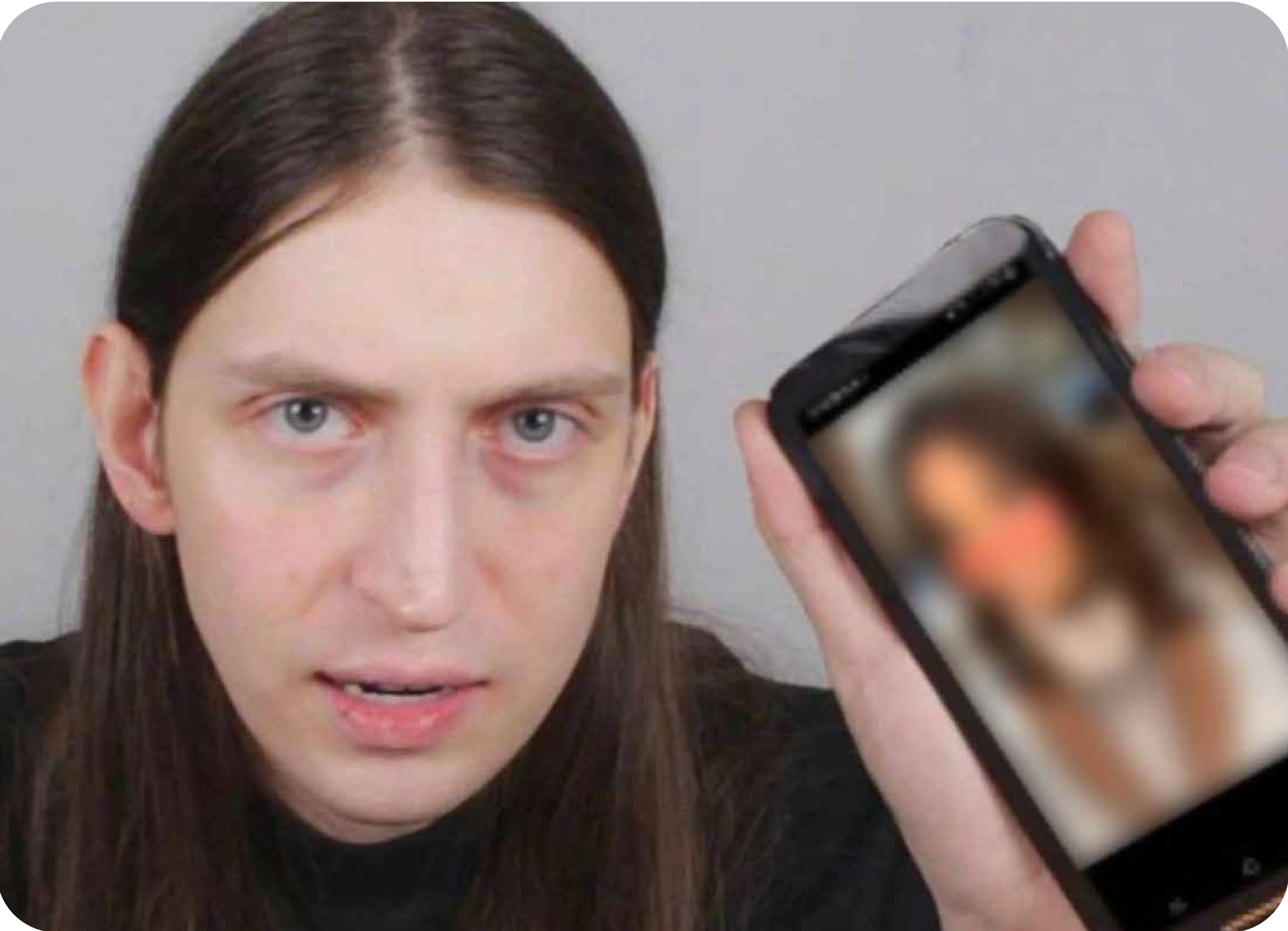
ADULTIZAÇÃO

Manual de instruções para vender uma criança

E como as big techs escrevem cada capítulo sem deixar impressões digitais



ÉRIKA ANDREASSY,
DA SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES DO PSTU



Youtuber Felca que lançou vídeo viral denunciando a adultização nas redes sociais.

O documentário *Adultização*, produzido pelo youtuber Felca, desencadeou um terremoto digital e político. Mergulhando nas profundezas das redes sociais, ele mostra como crianças e adolescentes são explorados, sexualizados e transformados em mercadoria por pais, influenciadores e plataformas digitais. A repercussão foi imediata: perda de contas em redes sociais, investigações e muita indignação.

O vídeo não apenas viralizou. Também invadiu a política institucional. Parlamentares reagiram com declarações inflamadas. Quando fechávamos

esta edição, o presidente da Câmara, Hugo Motta, estava pautando projetos relacionados ao tema, e o Planalto também já havia esboçado projetos e medidas relativos à regulação das plataformas.

Mas, enquanto o debate se perde entre moralismos seletivos e promessas de “proteção”, o que quase ninguém diz é o óbvio: a exploração da imagem infantil não é um desvio do capitalismo digital; é uma de suas engrenagens mais lucrativas.

No Brasil, ela se disfarça de entretenimento familiar, de carreira promissora e até de missão religiosa. A vitrine é variada: dancinhas, pregadores mirins, canais “educativos”, que ensinam crianças a vender sonhos para outras crianças.

A lógica, contudo, é sempre a mesma: transformar a infância em um produto, pronto para consumo rápido, a viralização instantânea e a monetização imediata.

NOVA EMBALAGEM, VELHO PROBLEMA

A exploração da imagem infantil não nasceu com o TikTok ou com Instagram. Desde muito antes dos *stories*, *likes* e algoritmos, a cultura de massas já tratava crianças como objetos de espetáculo. E de desejo.

Lamentavelmente, não faltam exemplos, como concursos de beleza infantil, quadros de auditório, novelas e campanhas publicitárias que colocavam meninas maquiadas, em roupas provocantes e coreografias sensuais. Ou, ainda,

meninos, por sua vez, sendo incentivados a posturas agressivas, consumistas, “de macho”. A indústria cultural sempre funcionou assim, vendendo imagem e comportamento como produtos.

Mas se antes, para colocar uma criança no circuito midiático, era preciso entrar em um funil restrito (TV e agências de publicidade), tudo mudou com a internet, que deu um impulso muito mais rápido, barato e perigoso para a exposição infantil.

Agora, basta um celular e uma conta gratuita numa rede social. De repente, milhares de “programas” começaram a ser produzidos por famílias em suas próprias casas, sem contrato, sem assessoria jurídica, sem acompanhamento psicológico. E as plataformas estavam prontas para absorver essa produção. E lucrar com ela.

CRIANÇAS VIRAM PRODUTOS NO “CAPITALISMO DE PLATAFORMA”

Se a internet derrubou as barreiras para expor crianças, o “capitalismo de plataforma” foi o arquiteto do novo modelo de negócio, que transforma essa exposição em um fluxo constante de dinheiro. O princípio é simples: quanto mais tempo você passa olhando para uma tela, mais anúncios podem ser exibidos, mais dados podem ser coletados e mais receita é gerada.

É nesse cenário que o empreendedorismo infantil digital ganha força. Famílias inteiras passaram a funcionar como pequenas produtoras de conteúdo. Assim, a rotina da criança passa a ser

moldada pela demanda algorítmica: horários de gravação, repetição exaustiva de vídeos para atingir “a tomada perfeita”, pressões sutis (ou nem tão sutis) para que a criança reaja “do jeito certo” diante da câmera.

O que antes poderia ser uma brincadeira, vira um trabalho em tempo integral - só que sem contrato, direitos ou qualquer proteção legal. Quanto mais engajamento, mais alto é o CPM (custo por mil impressões) e maior o interesse de anunciantes. Essa estrutura torna a exploração da infância não apenas possível, mas inevitável.

PRESOS ÀS ENGRENAGENS DOS ALGORITMOS



Nesse contexto, o algoritmo cumpre um papel fundamental. São eles que definem o que aparece no seu *feed*, quem vai ver seu vídeo e principalmente o que será recompensado com visibilidade.

A lógica é simples: quanto mais engajamento um conteúdo gera (curtidas, comentários, compartilhamentos, tempo de visualização), mais

vezes ele será mostrado para outros usuários. Só que essa lógica tem um efeito colateral gigantesco: ela não distingue qualidade de nocividade. Um vídeo pode ser recomendado tanto porque é educativo e saudável quanto porque desperta curiosidade mórbida, choque ou até mesmo excitação sexual em adultos.

E o problema não para por aí. O algoritmo também atua como instrutor invisível para criadores de conteúdo. Ao impulsionar vídeos que têm determinado formato, enquadramento ou linguagem, ele envia um recado: “faça mais disso e será recompensado”.

É assim que dancinhas inocentes evoluem para coreografias cada vez mais insinuantes; que vídeos de “rotina da criança” passam a incluir *closes* desnecessários, roupas mais justas ou situações íntimas; que a linha entre cotidiano e erotização se apaga.

O algoritmo promove não apenas a circulação de conteúdos, mas também a normalização de padrões. E quando esses padrões envolvem a adultização, o efeito é duplo: alimenta a demanda entre quem consome e estimula a oferta entre quem produz. Uma retroalimentação perfeita para o mercado e o lucro das plataformas digitais, mas não para as crianças.

SEXISMO RECICLADO EM ALTA DEFINIÇÃO

Não é exagero dizer que a adultização é o cartão de visitas da exploração sexual infantil. Uma vez que a imagem da criança é moldada para imitar poses, roupas e gestos associados à sexualidade adulta, ela entra num circuito que interessa aos criminosos.

A indústria tecnológica gosta de vender a narrativa de que combate esse tipo de conteúdo com “inteligência artificial” e “moderação proativa”. Mas os números mostram que o material sexual com menores cresce a cada ano.

No Brasil, a SaferNet - organização que monitora crimes cibernéticos - divulgou dados estarrecedores: em 2023, foram registradas 71.867 novas denúncias de imagens de abuso e exploração sexual infantil. Um salto de 77% em relação a 2022.

O crescimento explosivo teve três motores principais: o uso de inteligência artificial generativa, para criar imagens hiper-realistas de abuso infantil; os *packs* autogerados por adolescentes, que vendem suas próprias imagens em redes ou plataformas de mensagens, muitas vezes sem compreender a dimensão do risco; e o enxugamento das equipes de moderação por parte das *big techs*.

Esses fatores mostram que não estamos falando de um problema apenas comportamental ou moral, mas de uma engrenagem econômica que incentiva a produção e a circulação desse tipo de material. As plataformas lucram com ele de forma direta (via anúncios) e indireta (via aumento do tempo de permanência do usuário). Enquanto isso, a moderação é tratada como custo, não como prioridade.

ADULTIZAÇÃO E OPRESSÃO DE GÊNERO

A adultização é também um veículo de reprodução da opressão de gênero. No caso das meninas, isso significa um processo sistemático de treinamento para a sedução e a submissão, disfarçado de “diversão” ou “empoderamento”.

O padrão é conhecido: roupas justas ou curtas, poses que enfatizam corpo e curvas - mesmo que ainda não formadas - , e coreografias que imitam cliques e performances adultas. Isso não é aleatório. São códigos visuais que ativam referências de sensualidade já presentes no imaginário coletivo, mesmo quando a criança não compreende o que está performando.

Já a adultização masculina opera por outro viés, mas igualmente problemático. Para “eles”, o roteiro inclui roupas de marca, fala inflada de autoconfiança, piadas que insinuam poder ou superioridade, ostentação de uma postura corporal que simula virilidade. É a produção, desde cedo, de pequenos *influencers* alfa, moldando meninos para enxergar o mundo sob a lógica da competição e do domínio - inclusive sobre meninas.

Essa formação prepara os dois lados da equação: meninas treinadas para agradar e meninos para avaliar, julgar e “consumir” a performance feminina. É o machismo reciclado, reeditado e reembalado com filtros coloridos e hashtags motivacionais.

Vale destacar que quando polêmicas como essa surgem, políticos conservadores correm para discursar contra a “sexualização precoce”, mas evitam falar das engrenagens que tornam isso lucrativo. Mantêm o debate no nível da moralidade individual e impede que se fale de algoritmos, monetização e responsabilidade corporativa.

Também saem em defesa da “família tradicional”,

enquanto esquecem de mencionar que a maioria dos casos de abuso sexual infantil acontece dentro de casa, cometidos por familiares ou pessoas próximas.

NO CAPITALISMO, EXPLORAÇÃO INFANTIL É A REGRA

A adultização infantil não é um desvio ou acidente da internet. É um produto do próprio capitalismo. No núcleo desse sistema há um princípio tão simples quanto brutal: qualquer coisa que mantenha você olhando para a tela é valiosa. E poucas coisas têm tanto potencial de retenção da atenção quanto imagens de crianças.

Elas despertam empatia, curiosidade, ternura. E, em alguns, lamentavelmente, desejo sexual. É a matéria-prima perfeita para um modelo de negócio que não mede consequências, apenas cliques.

Para as empresas que lucram com isso, não há nada a consertar. O sistema está funcionando exatamente como foi projetado. Para elas, não importa se o engajamento vem de um público saudável ou de redes criminosas, desde que o número suba.

O algoritmo não tem moral, só métrica. E, no capitalismo digital, métrica é dinheiro. Derrubar um perfil ou proibir um formato é inútil: a engrenagem se reinventa. É preciso atacar as causas, não as consequências.

Já o custo social - ansiedade, perda de privacidade, vulnerabilidade a abusos - não entra no balanço. Ou melhor, é tratado como efeito

colateral aceitável. Porque, no fim, a exploração infantil não é uma exceção no capitalismo, mas a regra. ■

A adultização infantil não é um desvio ou acidente da internet. É um produto do próprio capitalismo.



Foto: reprodução

RESISTÊNCIA PALESTINA

Israel prepara expulsão de palestinos em meio ao repúdio internacional



FÁBIO BOSCO,
DE SÃO PAULO (SP)



Em Gaza, as pessoas fazem fila para pegar água | Foto: reprodução

O dia era 1º de março de 2025. Segundo o Canal 13 da TV israelense, o governo decidiu impedir o ingresso de ajuda humanitária para tornar Gaza inabitável e, assim, obrigar a Resistência Palestina a se render. O Estado de Israel decidiu utilizar a fome como arma de guerra em larga escala.

Logo depois, no dia 18, Israel rompeu o cessar-fogo, invadiu e tomou 75% de Gaza, além de realizar bombardeios indiscriminados contra escolas, hospitais e residências; 400 palestinos foram mortos apenas nos primeiros dias.

A partir de abril, Israel excluiu as agências da Organização das Nações Unidas (ONU) e ONGs

de ajuda humanitária e contratou a empresa GHF para “distribuir alimentos” em Gaza. A GHF e o exército israelense transformaram os seis pontos de distribuição em armadilhas mortais.

Até o dia 17 de agosto, Israel já havia matado 1.938 pessoas e ferido outros 14.420 palestinos na fila da comida. Além disso, o Estado sionista já matou 258 palestinos de fome, incluindo 110 crianças de acordo com o Ministério da Saúde de Gaza.

PREPARANDO UMA BRUTAL DIÁSPORA FORÇADA

Simultaneamente, Israel procurou outros países para persuadi-los a receber palestinos que forem expulsos de Gaza. Além de Sudão, Sudão do Sul e Somalilândia, Israel, com o aval estadunidense, negocia com o primeiro-ministro Abdul Hamid Dbeibah, que governa a Líbia Ocidental, para receber centenas de milhares de palestinos em troca da liberação de US\$ 30 bilhões bloqueados no exterior desde 2011.

Também estão negociando com o general Khalifa Haftar, que domina a Líbia Oriental, para receber palestinos em troca de uma fatia maior da produção de petróleo do país.

Na Cisjordânia, Israel prepara a anexação de todo o território. Por um lado, armou os 700 mil colonos israelenses para, junto com o exército, atacar e expulsar palestinos. Além disso, tomou a área conhecida como “E1”, dividindo a Cisjordânia entre Norte e Sul e separando-a de Al Quds/Jerusalém.

Segundo o ministro de Finanças, Bezalel

Smotrich, o objetivo é enterrar, de uma vez por todas, a solução de dois Estados e, assim, a formação do Estado Palestino.

A DISPUTA PELO DOMÍNIO DA REGIÃO

Israel quer se impôr como a única potência regional. Hoje, ocupa áreas no Líbano e na Síria, além de atacar regularmente o Iêmen e preparar novos ataques ao Irã. Seus planos estão avançando no Líbano, onde o novo presidente e o primeiro-ministro, aliados dos Estados Unidos e da Arábia Saudita, foram eleitos e pressionam pela rendição do Hezbollah.

Na Síria, o plano sionista de partilha do país foi auxiliado pelo massacre em Sweida, onde forças do governo interino executaram centenas de drusos, empurrando-os para o lado de Israel e alimentando a tóxica divisão entre as comunidades confessionais, o que é contrário aos objetivos da revolução.

No Iêmen, há um fortalecimento dos iemenitas Houthis (organização Ansar Allah) pelo controle sobre o tráfego comercial no estreito de Bab al-Mandeb, no Mar Vermelho, e pela capacidade de paralisar a produção de petróleo na Arábia Saudita, como fez em 2019.

No Irã, há negociações em curso para um novo acordo nuclear com os Estados Unidos, mas, ao mesmo tempo, há a retomada da produção de armamentos para sua defesa, em particular de mísseis balísticos, que conseguiram furar as defesas antiaéreas de Israel. Também, está em curso a reconstrução de seu programa nuclear.

CRIMINOSOS

O apoio dos Estados Unidos à limpeza étnica

Nenhum desses planos israelenses seria possível sem o apoio estadunidense. Os Estados Unidos entregam 70% das armas utilizadas por Israel. Além disso, dão cobertura política e diplomática para o genocídio em Gaza.

Trump, por exemplo, aplicou sanções contra a relatora da ONU para os territórios palestinos, a combativa Francesca Albanese, além de dois juízes e dois promotores do Tribunal Penal Internacional (TPI), paralisando o Tribunal e a Corte Internacional de Justiça. Tudo isso para proteger os criminosos sionistas.

A política de Trump beneficia diretamente as indústrias armamentista e petrolífera estadunidense. Além disso, Trump fortalece sua relação com os sionistas cristãos que integram o seu movimento, o “Make America Great Again” (MAGA, na sigla em inglês, que significa “Tornar a América grande novamente”).

O IMPERIALISMO EUROPEU E OS BRICS NÃO SÃO ALTERNATIVAS

Enquanto o imperialismo estadunidense apoia abertamente o genocídio, o imperialismo europeu busca outro caminho para apoiar Israel.

Em setembro, a França e a Arábia Saudita patrocinaram uma Conferência na ONU para reconhecer um “Estado Palestino”. Mas esse “Estado Palestino” seria formado em base à

rendição da Resistência Palestina e seria desmilitarizado para garantir a “segurança” de Israel.

A Autoridade Nacional Palestina (ANP) participou da Conferência e defendeu o desarmamento do Hamas e da Resistência Palestina.

O imperialismo britânico, por sua vez, se comprometeu a apoiar essa política da França se Israel não amenizar o genocídio em Gaza. Mas nenhum deles falou sobre o que realmente seria necessário: o embargo militar e a ruptura das relações comerciais e diplomáticas com Israel.

O chanceler alemão, Friedrich Merz, anunciou um embargo de armas parcial e parou por aí. Esses anúncios enganosos têm como objetivo se “distanciar” da responsabilidade pelo genocídio e apaziguar a gigantesca onda de protestos pró-palestina na Europa.

Infelizmente a situação não é diferente entre os Brics, a aliança inicialmente formada pelos países que compõem a sigla – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, que agora inclui vários países do Norte da África, como Egito e Etiópia, e do Oriente Médio, como Irã, Emirados Árabes e Arábia Saudita.

A Índia é totalmente aliada a Israel. A China é a principal potência exportadora para Israel. A Rússia é aliada histórica de Israel e provedora de petróleo para a máquina de guerra sionista. O Brasil e a África do Sul protestam contra o genocídio, mas continuam exportando para Israel, respectivamente, petróleo e carvão.

RESISTÊNCIA

Hamas apoia cessar-fogo sem rendição

A Resistência Palestina em Gaza, liderada pelo Hamas, está enfraquecida após 22 meses de luta desigual contra os genocidas sionistas. Mesmo assim, o Hamas não aceita rendição: seu desarmamento e a ocupação de Gaza por Israel. Ao contrário, o Hamas defende a proposta de cessar-fogo de 60 dias, com ampla troca de prisioneiros, além da retirada das tropas israelenses de Gaza.

A experiência histórica dá razão à Resistência Palestina. O desarmamento sempre deu lugar a massacres de palestinos, como em 1982, nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, no Líbano.



Foto: reprodução

A extraordinária onda de solidariedade internacional



Centenas de milhares nas ruas de Londres contra o Genocídio em Gaza

O genocídio em Gaza é repudiado pelos povos de todo o mundo. As pesquisas de opinião pública apontam o maior apoio aos palestinos jamais registrado antes. Esse repúdio ao genocídio se materializa em ações multiformes de solidariedade, desde passeatas reunindo milhares a protestos nas universidades ou em eventos culturais e esportivos.

Laços entre a luta na Palestina e na Ucrânia também têm dado seus primeiros passos. Em Kyiv, ativistas de esquerda realizaram uma manifestação de apoio à Palestina em frente ao Memorial do Holodomor, dedicado às milhões de pessoas que morreram de fome na Ucrânia nos anos 1930, fruto da política assassina de Stálin.

O que ainda não aconteceu em larga escala é a necessária unidade dos trabalhadores para impedir as exportações de equipamentos militares para Israel.

OS PROTESTOS EM ISRAEL E SEUS LIMITES

Na última semana, houve protestos de centenas de milhares de israelenses, exigindo o cessar-fogo e a troca de prisioneiros. Também centenas de judeus ultraortodoxos protestaram contra o alistamento militar obrigatório de religiosos.

Esses protestos são importantes, pois pressionam o governo de Binyamin Netanyahu a aceitar o cessar-fogo. No entanto, é importante conhecer seus limites. A ampla maioria dos israelenses judeus apoia a expulsão de palestinos de Gaza e a colonização da Cisjordânia.

Mas o prolongamento do genocídio impacta a economia – que está em recessão –, afetando a vida dos israelenses que não querem ser mortos em Gaza pela resistência palestina. Além disso, a imagem internacional de Israel também está totalmente prejudicada.

A maioria da população israelense judia, incluindo a classe trabalhadora, não é aliada dos palestinos. Ao contrário, ela também se beneficia do roubo de terras e casas palestinas. Devido a esses benefícios materiais, os trabalhadores israelenses judeus se associam à empreitada sionista contra os interesses dos palestinos e dos trabalhadores de todo o mundo.

Apenas as manifestações dos palestinos de 1948 (palestinos que vivem nos territórios palestinos tomados em 1948, sobre os quais se formou o Estado de Israel), principalmente na cidade

palestina de Umm al-Fahm, é que exigem o fim do genocídio, em solidariedade aos seus irmãos e irmãs palestinos em Gaza.

APOIO INCONDICIONAL À RESISTÊNCIA PALESTINA!

Fortalecer a solidariedade internacional!

O PSTU apoia incondicionalmente a Resistência Palestina. Não temos acordo programático com o Hamas, a Jihad Islâmica ou a Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), mas estamos na mesma trincheira contra o genocídio israelense.

Apoiamos a decisão da Resistência Palestina de não entregar as armas e de manter as ações contra o exército israelense, por mais limitadas que sejam.

Enquanto a Resistência Palestina faz a sua parte da luta, é necessário que a classe trabalhadora e a juventude em todo o mundo também façam a sua.

Nos países árabes, é necessária uma nova Primavera Árabe, para derrubar os regimes colaboracionistas. Nos demais países, é necessário manter a mobilização para obrigar os governos a romperem relações comerciais e diplomáticas com Israel, buscando envolver a classe operária em ações diretas, de boicote ao envio de armas e de qualquer outro tipo de produtos para Israel.

Será no calor da luta contra o genocídio que construiremos o caminho para libertação da Palestina, do rio ao mar, e para pôr fim ao Estado racista de Israel, única solução para que haja paz no Oriente Médio.■

Nos países árabes, é necessária uma nova Primavera Árabe, para derrubar os regimes colaboracionistas. Nos demais países, é necessário manter a mobilização para obrigar os governos a romperem relações comerciais e diplomáticas com Israel



SOBERANIA

Após tarifaço, Trump dobra ameaça à soberania do Brasil

Ameaça militar se junta aos ataques políticos e econômicos para aprofundar espoliação e proteger golpistas e seu projeto de ditadura



DA REDAÇÃO



Donald Trump - Foto: Joyce N. Boghosian / Fotos Públicas

Após a imposição da tarifa de 50% sobre as exportações brasileiras, o governo Trump escalonou seus ataques e ameaças contra a soberania do Brasil. Numa sequência de ofensivas contra autoridades brasileiras, que incluiu a revogação dos vistos de entrada a ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e do procurador-geral da República (PGR) e suas famílias, o Departamento de Estado dos EUA, recentemente, suspendeu o visto de funcionários do governo brasileiro ligados ao Programa Mais Médicos.

A Lei Magnitsky, por exemplo, imposta contra o

ministro Alexandre de Moraes, não foi um ataque individual, mas uma chantagem para que o STF livre Bolsonaro e os golpistas da cadeia. A embaixada dos EUA deixou isso evidente ao afirmar que qualquer pessoa que “oferecer apoio material a violadores dos direitos humanos também pode ser alvo de sanções”.

Em português claro: qualquer um que defender punição aos que tentaram um golpe no Brasil (que eles tacham, cinicamente, de “violadores dos direitos humanos”) será alvo das sanções estadunidense.

PRESSÃO MILITAR

Essa mensagem veio após o STF dizer o óbvio: leis e decisões dos EUA não se aplicam ao Brasil. Mas o governo Trump discorda: “nenhum tribunal estrangeiro pode anular as sanções impostas pelos EUA”.

Ou seja, Trump se vê no direito de impor suas decisões por cima das leis e da Constituição do Brasil. E o que Trump deseja, além do aumento da espoliação e do roubo dos recursos naturais (como as terras raras), é a impunidade para Bolsonaro, para que ele fique livre para seguir sua agenda golpista.

Uma pressão que vai muito além do embargo econômico que, por si só, já seria um ataque inaceitável. No último mês, por exemplo, os EUA começaram a deslocar um conjunto de forças militares para o Sul, a princípio para o Mar do Caribe e, depois, para a costa da Venezuela. O reforço do chamado “Comando Sul dos EUA” conta com um submarino nuclear, aviões,

contratorpedeiros e um cruzador de mísseis. A justificativa para esse deslocamento de forças militares seria o “combate ao narcotráfico”. Lembrando que recentemente o governo estadunidense resolveu equiparar os cartéis e quadrilhas criminosas ao “terrorismo” (inclusive as que atuam no Brasil), o que, em tese, legitimaria um ataque militar a qualquer país latino-americano. Adiciona-se a esse cenário as ameaças contra a Venezuela.

Isso não significa que os EUA vão invadir ou atacar militarmente o Brasil ou a Venezuela. Mas sobrepõe, aos ataques políticos e econômicos, uma pressão militar e uma chantagem em prol da exigência de que a América Latina, e também o Brasil, sejam o seu quintal.

Trump quer transformar o Brasil e a América Latina no quintal dos EUA

ENTREGUISMO

Extrema direita é agente direta dos ataques imperialistas dos EUA

Enquanto Trump dobra suas ameaças ao Brasil, a extrema direita reforça seu papel de quinta-coluna do imperialismo. O governo Lula, por sua vez, segue sua política de não impor reciprocidade ou fazer qualquer retaliação, atendendo à orientação de uma burguesia brasileira covarde e capacho dos EUA, e não

consegue nem abrir negociação com o governo Trump.

O ministro Fernando Haddad, por exemplo, mesmo depois de ter aceitado entregar as terras raras ao imperialismo, assim como os *data centers* (a infraestrutura da internet), em troca do relaxamento do tarifaço, teve uma conversa com o secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, cancelada em cima da hora. O motivo? O representante dos EUA foi convencido por Eduardo Bolsonaro a não negociar com o governo brasileiro enquanto seu pai estiver sendo processado pela tentativa de golpe.

O deputado, que está desde fevereiro nos EUA para tramar contra o Brasil, continua com seu mandato na Câmara dos Deputados, recebendo para conspirar contra o próprio país. Algo que, em qualquer país nos marcos de uma democracia burguesa, por mais subserviente que fosse, motivaria, no mínimo, a perda imediata do mandato. Ou, no caso dos próprios EUA, seria qualificado como crime de traição, o que pode dar até em pena capital.

DIVISÃO DA ULTRADIREITA CAPACHA

A atuação do bolsonarismo no tarifaço e a prisão domiciliar de Bolsonaro precipitaram o acirramento da disputa da extrema direita com vistas a 2026. Governadores como Ronaldo Caiado (GO), Romeu Zema (MG) e principalmente Tarcísio de Freitas (SP) salivam sobre o espólio do bolsonarismo e tentam se colocar como alternativa eleitoral.

O botim não é pequeno, já que Bolsonaro mantém algo como 30% de sua base mais fiel. Nesse

quadro, estes setores acenam à burguesia para a vaga de fiel representante, que poderia dar fim à crise, acelerando a entrega, que já ocorre com o governo atual.

Tarcísio vem participando de uma série de encontros com empresários, banqueiros e líderes religiosos, tentando recompor o desgaste inicial provocado pelo tarifaço.

No dia 18, foi ovacionado por uma plateia de banqueiros e empresários, defendendo entregar o que Trump quer. “Ele está querendo colecionar vitórias. Então, por que não entregar alguma vitória para ele? Por que não fazer algum gesto?”, falou.

À noite, Freitas discursou numa igreja evangélica onde pregou que “a gente vai ter que impor ordem no Brasil”, fazendo desagravo a seu secretário de Segurança, Guilherme Derrite, especialista em chacinar jovens e pretos da periferia.

Tarcísio, assim, ao incorporar o figurino bolsonarista, com o mesmo projeto entreguista, pró-imperialista, formatado numa alternativa autoritária, parece amearhar cada vez mais setores da burguesia e, inclusive, do mercado financeiro, que defendem uma via *à la* Milei (da Argentina) no Brasil: choque ultraliberal e terra arrasada.

Ultradireita disputa para ver quem é o mais entreguista e capacho do imperialismo ianque

Plano Brasil Soberano não garante emprego e abre caminho para redução de salários e direitos

O projeto do governo Lula Brasil Soberano, implementado via Medida Provisória, abrirá uma linha de crédito de R\$ 30 bilhões para empresas que exportam para os EUA e foram atingidas pela taxa de 50% imposta por Trump.

O pacote de ajuda conta com uma série de benefícios, além do crédito, como compras governamentais de produtos que seriam exportados e o adiamento da cobrança de impostos.

Se os empresários, porém, estão sendo contemplados pela medida emergencial do governo, o mesmo não pode ser dito sobre os trabalhadores. Apesar de anunciar que as medidas estão condicionadas ao número de empregos, o pacote de ajuda efetivamente não proíbe demissões e, mais que isso, abre as portas para a redução dos salários e direitos. Ou até mesmo para a suspensão dos contratos de trabalho.

ÓRGÃO PARA FLEXIBILIZAR EMPREGOS E DIREITOS

A MP cria a Câmara Nacional de Acompanhamento do Emprego, que terá a função de monitorar o nível de postos de trabalho nos setores beneficiados, propor e aplicar medidas para “manter o emprego”.

Apesar dessa Câmara ainda prescindir de detalhamento, fica subentendido que a condição

para o programa não é a proibição da demissão pela empresa que estiver recebendo o benefício, já que ela monitorará o nível do emprego no ramo e nas cadeias produtivas de exportação, não as empresas individualmente. Tampouco menciona as demissões que já ocorreram e estão ocorrendo por conta do tarifaço.

Mais grave ainda, esse órgão mediará e aplicará negociações coletivas para “manter o emprego” nos setores exportadores. Isso se assemelha ao programa emergencial aplicado durante a pandemia pelo governo Bolsonaro, reduziu a jornada de trabalho e os salários em até 70% em diversos setores. A própria MP do governo Lula reforça que, entre as medidas colocadas na mesa, estão o *lay-off* e a suspensão dos contratos de trabalho.

NÃO VAMOS ACEITAR

Nenhum emprego ou direito a menos. Demitiu, ocupou!



Presidente Lula e seu Vice e ministro da Indústria, Geraldo Alckmin Foto VPR

O governo Lula, além de capitular à burguesia nacional em não retaliar os EUA, está lançando um projeto para proteger os lucros das empresas exportadoras, ao custo da flexibilização e da retirada de direitos e renda dos trabalhadores. Na prática, o governo estará financiando a redução de salários e a flexibilização de direitos.

Mais que isso, esses R\$ 30 bilhões de socorro às empresas pressionarão ainda mais por novos cortes em áreas sociais devido ao arcabouço fiscal (teto de gastos para garantir o pagamento de juros aos banqueiros). Isso reforça que a luta contra o ataque imperialista de Trump deve se dar junto à luta pelo fim do arcabouço fiscal.

Os trabalhadores devem organizar a luta contra qualquer demissão ou proposta de redução de salários e direitos. A discussão e orientação das organizações dos trabalhadores deveriam ser exigir estabilidade no emprego, nenhuma redução de direito ou salário. Demitiu, ocupou!

Exigir, ainda, que o governo Lula aplique a Lei da Reciprocidade contra os EUA e que as empresas exportadoras que demitirem sejam estatizadas e colocadas sob controle dos trabalhadores.

LUTAR CONTRA TRUMP, COM INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

Para enfrentar o imperialismo e defender os trabalhadores de forma consequente, no entanto, é necessário independência de classe frente ao governo e à burguesia, não apoiando politicamente o governo nem conciliando com a patronal, como fazem as organizações governistas.

O PSTU chama Lula e o PT a enfrentarem Trump. De verdade, e não apenas em palavras. E, se o fizerem, estamos dispostos a fazer unidade de ação nesta luta. Mas os trabalhadores devem garantir sua independência política e organizativa em relação à patronal e ao governo Lula, de alianças de classe com a burguesia.

O PSTU se propõe a estar na linha de frente contra os ataques de Trump mas sem deixar de lado sua posição política, nem abdicar de ser oposição de esquerda e socialista ao governo Lula. ■



Foto: Máisa Mendes

CATÁSTROFE CLIMÁTICA

COP30: um balcão de negócios para mascarar a destruição



JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO



Brasil perdeu uma área equivalente a Bolívia com o desmatamento entre 1985-2023, segundo Mapbiomas.

Entre 10 e 21 de novembro, será realizada, em Belém (PA), a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, a COP30. O evento vai reunir chefes de Estado que vão debater os compromissos dos países em relação às metas de redução de emissões dos Gases de Efeito Estufa (GEE), provocados sobretudo pela queima de combustíveis fósseis (petróleo, carvão e gás), mas também pelas queimadas das florestas.

Paralelamente, será realizada, também em Belém, a Cúpula dos Povos, que visa dar voz aos movimentos sociais, sindicalistas, comunidades tradicionais e povos indígenas, dentre muitas

outras vozes silenciadas pela desigualdade e as que menos contribuíram para a crise climática, mas que mais sofrem com seus impactos.

O PSTU estará presente na Cúpula dos Povos para denunciar a hipocrisia dos governos e dos capitalistas, os verdadeiros responsáveis pela catástrofe ambiental.

Nessa edição do Opinião Socialista, iniciaremos uma série de artigos sobre a COP30, apresentando uma visão crítica sobre as tentativas fracassadas dos capitalistas em frear o aquecimento global, enquanto a situação se agrava assustadoramente. Também vamos apontar as mentiras do governo Lula, que faz discursos defendendo o meio ambiente, enquanto, na prática, defende grandes projetos que agravam a destruição.

UMA COP NA AMAZÔNIA

Essa será a trigésima edição da Conferência do Clima, que teve início em 1995 (leia a seguir). Mas será a primeira a ser realizada na região amazônica que, além de abrigar a maior floresta tropical do mundo, possui uma enorme diversidade social.

O presidente Lula defendeu que a COP fosse realizada na região para que o mundo “possa ver o que a Amazônia realmente é” e para que se “ouçam as vozes da Amazônia”.

Mas esse discurso é flagrantemente contraditório com a prática do seu próprio governo. Faltando 90 dias para a COP, é absolutamente escandaloso que Lula não tenha vetado

integralmente o Projeto de Lei 2159/21, chamado de “PL da Devastação”, que afrouxa o licenciamento ambiental do país. Lula frustrou o chamado feito por cientistas e ambientalistas, ao anunciar o veto parcial (de 69 dos 400 artigos do projeto), demonstrando que não quer enfrentar a Bancada Ruralista, autora do PL.

DESMOBILIZAÇÃO E DEFESA DOS INTERESSES DO AGRO

Na verdade, o PT, a CUT e outras entidades governistas se recusaram a lutar contra o projeto de lei e, por isso, muitos atos não tiveram força suficiente para derrotar o projeto, devido à ausência de setores que tinham grande capacidade de mobilização.

Além disso, para não desagradar seus aliados no Congresso, Lula se comprometeu a editar uma Medida Provisória (MP) para criar a Licença Ambiental Especial (LAE), que acelera licenças a projetos considerados “estratégicos” para o país.

Esse licenciamento especial (que já estava incluído no “PL da Devastação”) terá prazo máximo de 12 meses e servirá para destravar a exploração de petróleo na foz do Rio Amazonas (Margem Equatorial) e, também, para acelerar a pavimentação da BR-319, que liga Porto Velho (RO) a Manaus (AM).

AMAZÔNIA, MAIS PERTO DO COLAPSO

Os dois projetos são defendidos por Lula e podem deixar a Amazônia ainda mais próxima do seu colapso, agravando, assim, as mudanças climáticas. A exploração de petróleo na Amazônia, por exemplo, vai adicionar ainda mais GEE na atmosfera.

Estudos indicam que, se o petróleo da Margem Equatorial fosse queimado, haveria um acréscimo entre 4 bilhões a 13 bilhões de toneladas de CO₂ na atmosfera. Em termos comparativos, a mesma emissão feita pelos Estados Unidos e China em 2020. Além disso, a exploração pode detonar os ecossistemas e a fauna marinha.

Já o asfaltamento da BR-319 vai servir para expandir uma nova fronteira para o agronegócio, com desmatamento, queimadas e a grilagem de terras em pleno coração da Amazônia. Todas as estradas construídas na Amazônia provocaram a destruição da floresta. Aliás, entre setembro e dezembro de 2024, depois que Lula passou a defender a pavimentação da estrada, o desmatamento nas suas proximidades aumentou em 85,2%.

AQUECIMENTO GLOBAL

Caminhando para o caos climático

A COP30 também será realizada no momento em que o colapso climático está se acelerando. A ciência nos mostra que estamos diante de uma catástrofe de proporções civilizatórias; ou seja, capaz de desintegrar a sociedade, aniquilar forças produtivas e gerar um retrocesso histórico sem precedentes.

Em 2024, pela primeira vez, a temperatura global superou a marca dos 1,5°C em relação aos níveis pré-industriais (desde 1850). Pior ainda, avança rumo aos 2°C, um limite que acionará colapsos

irreversíveis no planeta.

Seus efeitos poderão incluir o derretimento acelerado das calotas polares, do solo congelado (“permafrost”), liberando ainda mais GEE e até mesmo vírus e bactérias que estão aprisionados no gelo há milhares de anos.

Tudo isso tem o potencial de desencadear novas pandemias incontrolláveis, a destruição de cidades costeiras e mais eventos climáticos extremos, tais como secas, grandes enchentes e frio ou calor extremos. Eventos que causarão quebras de safras, inundações e afetarão a saúde da população ou forçará enormes deslocamentos humanos.

MAS DE QUEM É A CULPA?

É erro pensar que toda a humanidade é responsável pela catástrofe climática, como afirmam certos ideólogos da burguesia. Na verdade, a responsabilidade é de uma pequeníssima parcela da humanidade.

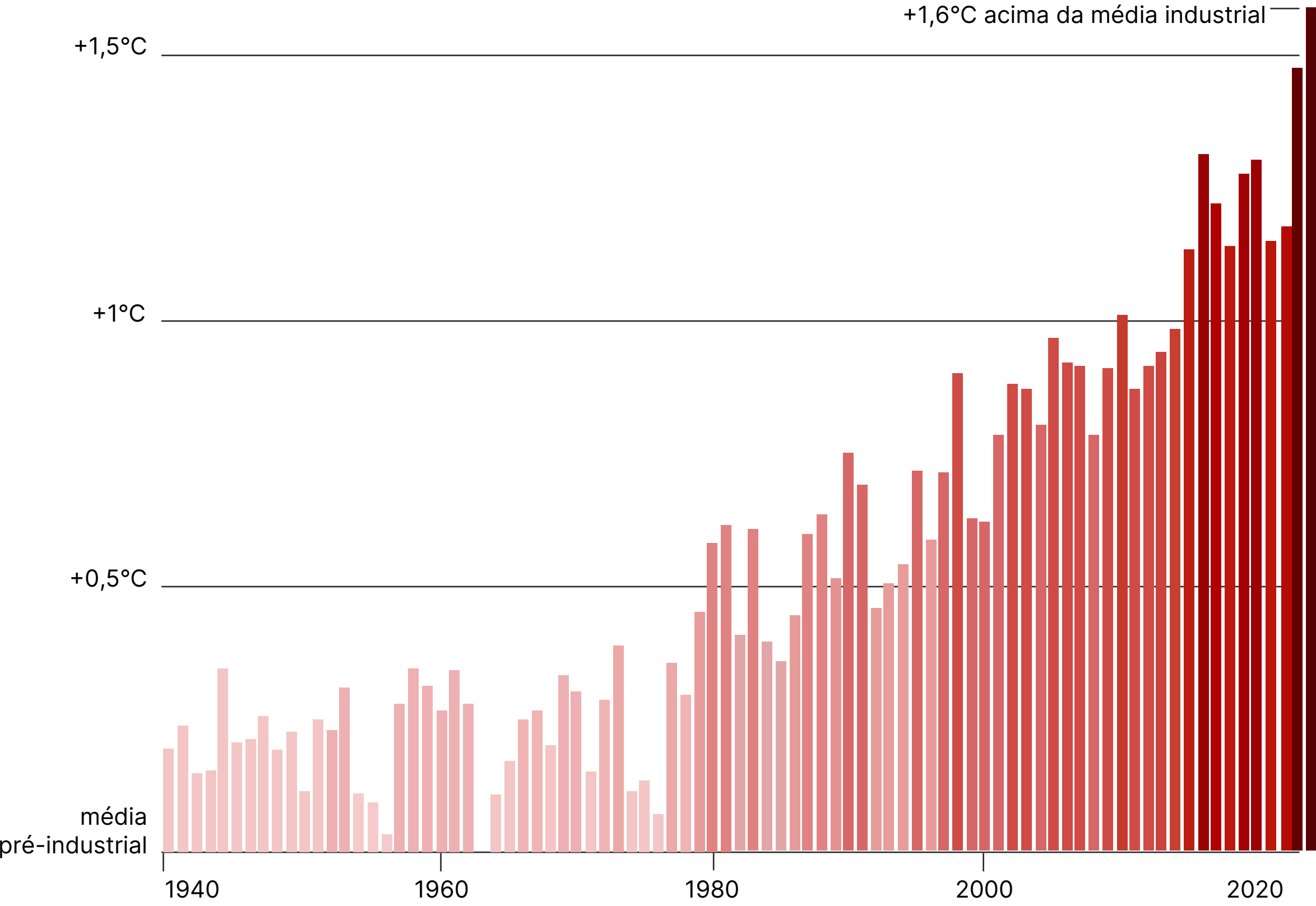
Uma pesquisa da Oxfam mostrou que, em 2019, o 1% mais rico foi responsável pela mesma emissão de carbono que os 66% mais pobres no mundo; ou seja, 5 bilhões de pessoas. A pesquisa ainda mostra que os 10% mais ricos são responsáveis pela emissão da metade dos gases de efeito estufa.

Ou seja, quem provoca o aquecimento são aqueles que menos sentem seus efeitos.

Enquanto isso, a população mais pobre será a mais afetada pelas mudanças climáticas, que tendem a aprofundar radicalmente as desigualdades sociais.

2024 foi o primeiro ano com aquecimento acima de 1,5°C

TEMPERATURA MÉDIA GLOBAL POR ANO, COMPARADA COM A MÉDIA PRÉ-INDUSTRIAL (1850-1900)



Fonte: ERA5, C3S/ECMWF, A cor mais escura reflete um aquecimento maior

IMPACTOS

Obras da COP aprofundam desigualdade social em Belém

A COP30 também está aprofundando as desigualdades sociais em Belém. A capital paraense tem sido palco de uma série de obras bilionárias para receber os chefes de Estado. Elas também atendem aos interesses dos empresários da construção civil e do transporte.

Belém é a capital com a maior proporção da população vivendo em favelas do país e a falta de saneamento básico é um escândalo. A coleta de

esgoto atinge apenas 19,9% dos habitantes, enquanto o tratamento de esgoto é restrito a 2,4% da população.

Um exemplo escabroso são as obras na famosa Doca, a Avenida Visconde de Souza Franco, onde um apartamento pode ser vendido por até R\$ 15 milhões. Enquanto avança, a obra de saneamento básico no elitizado bairro da Doca, a comunidade da Vila da Barca, localizada a menos de 2 km dali, é a principal impactada negativamente pelo projeto. Vila da Barca é uma comunidade pobre, de palafitas e que abriga quase 4 mil moradores.

A intervenção na Doca prevê a construção de 19 mil metros de rede coletora de esgoto. No entanto, o projeto determinou que a tubulação passaria pela Vila da Barca, onde será construída uma Estação Elevatória de Esgoto para bombear os dejetos. Ou seja, o esgoto dos ricos vai parar no quintal dos pobres.

Tudo sem consulta prévia à comunidade. Além disso, moradores denunciam que a área da comunidade está sendo utilizada como “bota-fora” ilegal, recebendo entulho e lixo provenientes das obras na orla da Doca.

Sob o discurso da sustentabilidade e da revitalização urbana, projetos milionários em áreas nobres estão sendo executados às custas de comunidades vulneráveis.

O QUE SÃO AS COPS?

Um balcão de negócios onde capitalistas fingem ser sustentáveis

O maior exemplo do fracasso das COPs é o fato de que nesses últimos 30 anos, apesar das conferências e tentativas de se realizar acordos climáticos, as emissões de GEE só aumentaram (veja gráfico ao lado), particularmente do dióxido de carbono (CO₂), cuja concentração na atmosfera é a maior dos últimos 800 mil anos.

A proposta de realizar esse tipo de conferência começou em 1992, com um tratado ambiental internacional adotado naquele ano (a ECO92). Em 1995, foi celebrada a COP1, em Berlim (Alemanha). Uma das mais importantes, entretanto, foi a COP3, realizada em Kyoto (Japão), em 1997.

Nela, se elaborou o “Protocolo de Kyoto”, um primeiro acordo de redução das emissões de GEE, que fracassou completamente porque os EUA (o maior emissor de carbono, então) se retirou do acordo em 2001. Prova do fracasso foi que, em 2012, um balanço feito pelo protocolo indicou que, apesar das COPs e dos acordos, houve um aumento de 38% das emissões globais.

Em 2015, foi realizada a COP21, que instituiu o Acordo de Paris, que tem, hoje, 195 países signatários. Seu objetivo é limitar o aquecimento global abaixo de 2°C neste século, em relação aos níveis pré-industriais, e fazer esforços para limitá-lo a 1,5°C.

Mas, para isso, é preciso reduzir as emissões líquidas de GEE em 40% (até 2030), chegando a zero líquido, em 2050. Naturalmente, isso exige uma transformação revolucionária e inédita do fornecimento de energia em todo o mundo. E, obviamente, estamos muito longe disso. Além disso, o governo de extrema direita de Donald Trump já anunciou que os EUA poderão sair do Acordo, o que levará inevitavelmente a mais um fracasso.

Mas a grande prova da hipocrisia dos capitalistas e dos seus governos em tentar impedir a catástrofe ambiental se deu nas duas últimas COPs: a COP28, realizada em Dubai (Emirados Árabes Unidos), em 2023; e a COP29, realizada em Baku (Azerbaijão), em 2024.

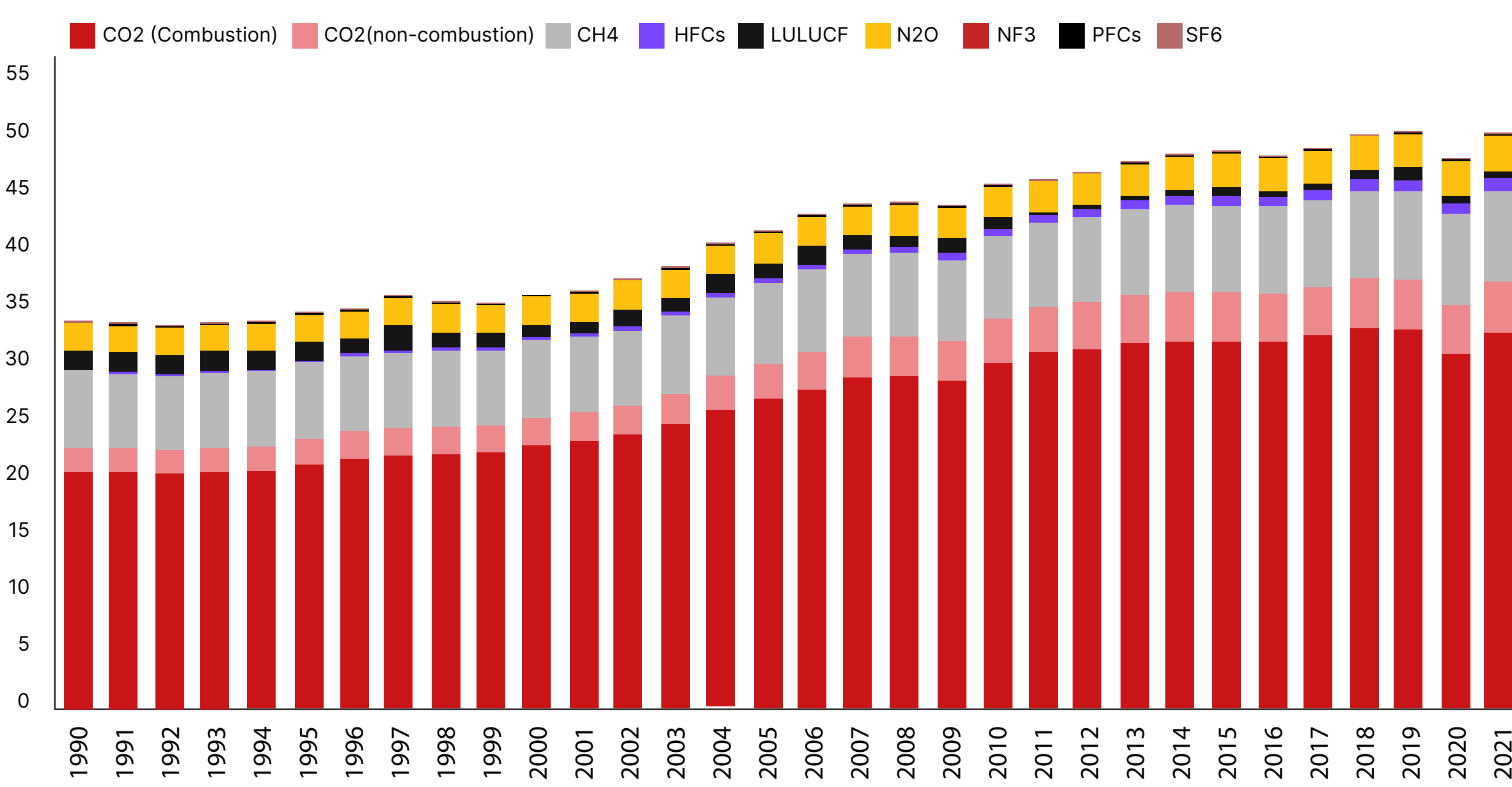
Os dois países têm forte indústria petrolífera. E ambas Conferências foram presididas por executivos de grandes petroleiras. As “COPs do petróleo”, como foram apelidadas, escancaram o que de fato são: um grande balcão de negócios para as grandes petroleiras, as mineradoras e as empresas que destroem o meio ambiente.

Elas chegaram a contar com a presença da Braskem (que destruiu bairros em Maceió) e da Vale (responsável pelas catástrofes de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais) que compartilharam seu suposto “sucesso” na gestão socioambiental e climática, praticando o chamado “greenwashing” – uma prática de empresas ou governos que fingem ser “sustentáveis”, para mascarar danos ambientais. ■

Apesar das conferências e tentativas de se realizar acordos climáticos, as emissões de GEE só aumentaram nos últimos 30 anos

Apesar dos acordos climáticos, emissões não param de aumentar | Veja o gráfico:

EMISSIONES GLOBAIS GHC ENTRE 1990 A 2020 E ESTIMATIVAS PRELIMINARES PARA 2021



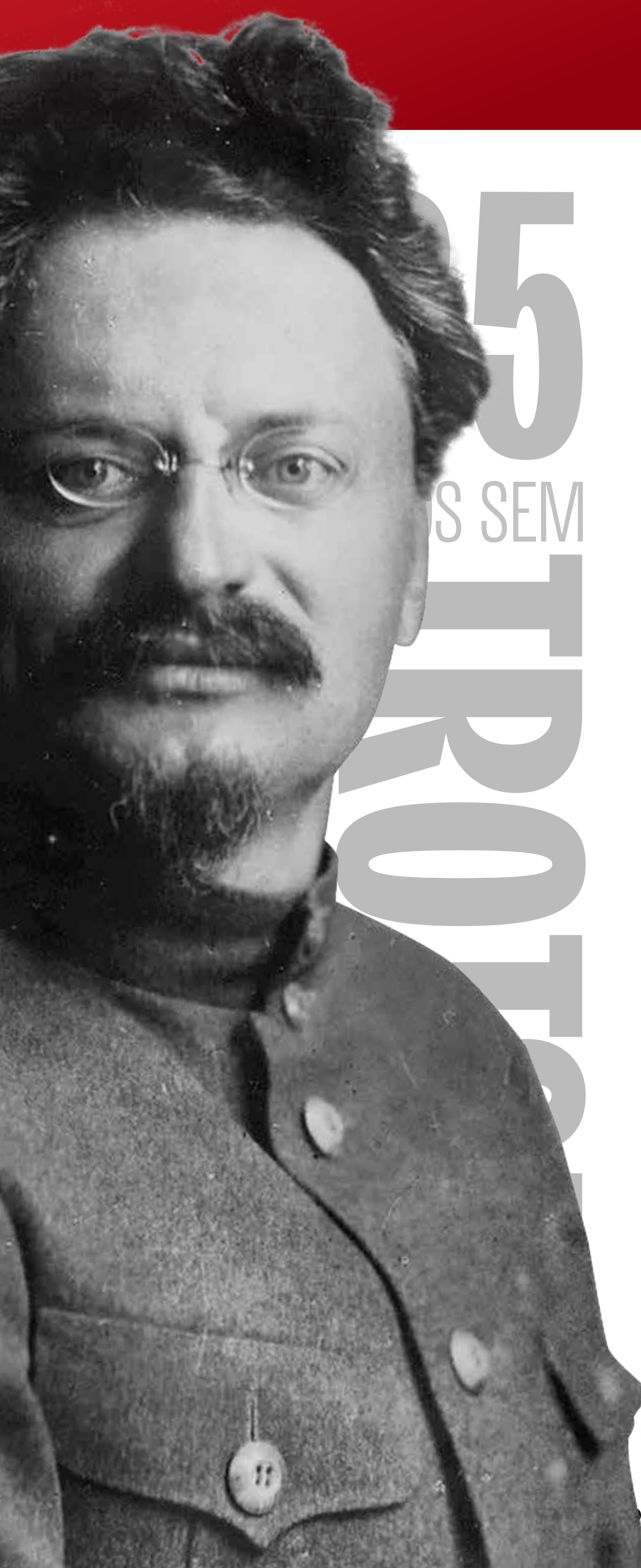
"Toda revolução parece impossível até que ela se torne inevitável" - Leon Trotsky

85 ANOS SEM TROTSKY

TROTSKY VIVE!

SOCIALISMO COM DEMOCRACIA OPERÁRIA OU COM DITADURA BUROCRÁTICA?

"Sem a revolução, o povo, não só tem direito ao pão, mas também à poesia." - Leon Trotsky



JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Há 85 anos, Leon Trotsky foi assassinado, no México por um agente da política secreta soviética, sob as ordens de Stálin. Assim o ditador soviético liquidou a última grande liderança da direção bolchevique que havia dirigido a Revolução Russa, em outubro de 1917.

O assassinato de Trotsky, em 20 de agosto de 1940, não foi um evento isolado ou fortuito. Ele constituía um passo articulado no projeto de Stálin de apagar qualquer vínculo

entre os antigos dirigentes da Revolução de Outubro e as novas gerações.

Trotsky consagrou-se como um dos principais líderes da Revolução Russa e organizador do Exército Vermelho. O papel de Trotsky à cabeça do Comitê Militar Revolucionário, que planificou a insurreição, é agudamente refletido pelo jornalista John Reed, autor do famoso livro-reportagem *Os dez dias que abalaram o mundo*. Já o desempenho de Trotsky na organização e liderança do Exército foi fundamental para a vitória dos bolcheviques, numa dura e sangrenta guerra civil.

Sua atuação, porém, não se limitou a esse papel. Ele foi o pioneiro em alertar sobre a crescente burocratização do partido e do Estado, um processo que ameaçava as conquistas revolucionárias. Diante disso, assumiu a liderança da Oposição de Esquerda para enfrentar a deriva contrarrevolucionária comandada por Stálin.

Mas como tudo pôde acontecer? Quais eventos históricos representaram um desafio para o desenvolvimento da Revolução Russa? É o que veremos a seguir.

OS PRIMEIROS ANOS DA REVOLUÇÃO

Nos primeiros anos da Revolução Russa, houve um enorme desenvolvimento das atividades sociais, o que impulsionou um movimento criativo que se espalhou por toda a sociedade, abrangendo muitos campos da vida social.

Nas Artes, por exemplo, pensava-se na fusão da própria arte com o cotidiano. Na Pedagogia

soviética, haviam esforços para compreender o desenvolvimento intelectual e o processo de aprendizado das crianças. Juristas imaginavam a própria superação do Direito. E, na Arquitetura e no Urbanismo, buscavam superar a divisão entre a cidade e o campo.

Também houve avanços significativos em relação aos direitos das mulheres, como a legalização do aborto e a igualdade salarial, além de licença-maternidade e acesso à rede de saúde. Algo inexistente em qualquer outro país na época. O mesmo pode ser dito em relação às pessoas LGBTI+, já que o Estado Soviético foi o primeiro do mundo a descriminalizar a homossexualidade.

Em todas essas áreas, havia várias escolas de pensamento, com autores cultivando profundas divergências entre eles, mas com total liberdade para elaborar, debater e publicar. Recuperar a história dos primeiros anos da Revolução Russa é destacar que ela mobilizou enormes forças sociais em todos os campos da atividade humana.

Enquanto isso, Lênin, o principal dirigente da revolução, tinha a expectativa de reduzir a jornada diária de trabalho, o que não se consolidou pelas dificuldades conjunturais que veremos adiante.

Seu objetivo era educar as massas em um país com 90% de analfabetos, elevando sua cultura para que pudessem assumir as tarefas políticas e se ocupar da administração do Estado sob a forma dos Sovietes (os conselhos de operários e

camponeses), com a mais ampla democracia operária.

O FENÔMENO DA BUROCRATIZAÇÃO

Entretanto, logo depois da tomada do poder, os bolcheviques se depararam com a enorme reação do imperialismo, que impiedosamente procurou esmagar a República dos Sovietes. Para isso, se apoiaram na contrarrevolução interna, formada por monarquistas e a burguesia que organizou o Exército Branco.

Neste momento, coube a Trotsky reconstruir um exército, sobre os escombros do exército czarista, destruído pela revolução. Nele, a passividade e submissão aos oficiais czaristas deram lugar à audácia e ao desenvolvimento da técnica, elementos cruciais para a vitória na guerra civil (1918-1921).

Mas o custo foi alto. O melhor da vanguarda operária da revolução havia sucumbido. As fábricas e meios de transporte estavam destruídos e o país retrocedeu economicamente. Às consequências devastadoras da guerra civil, soma-se o fato de que a jovem República Soviética amargou um profundo isolamento internacional.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), uma onda revolucionária varreu a Europa e o exemplo mais notável de tal processo ocorreu na Alemanha. Mas, a Revolução Alemã, de 1918-1919, fracassou, apesar do heroísmo dos seus dirigentes, como Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, que foram assassinados.

A onda de greves e ocupações de fábricas na Itália (1921) também foi derrotada e, em 1924, o processo culminou na vitória do fascista Mussolini. A República dos Sovietes da Hungria (1919) sobreviveu apenas quatro meses. Esse foi o preço pela ausência e fragilidade de partidos revolucionários sólidos e experimentados, à altura para tomar o poder e defender uma revolução.

Diante desse cenário de colapso pós-Guerra Civil, o governo soviético viu-se obrigado a recorrer a funcionários e técnicos do antigo regime czarista. Assim, começou a surgir uma camada cada vez maior de funcionários oportunistas, muitos deles ex-czaristas reciclados, e um setor de comerciantes intermediários, que se beneficiava com os problemas econômicos.

Foi a combinação desses fatores que deu origem a uma nova camada social privilegiada: a burocracia estatal. Stálin, até então um dirigente de pouca expressão, emergiu como a principal figura à frente dessa nova casta de funcionários e burocratas do Estado soviético.

A DESTRUIÇÃO DA DEMOCRACIA OPERÁRIA SOVIÉTICA

Neste processo, Stálin criou a teoria do “socialismo em um só país”, usada para assegurar os privilégios dos burocratas. Também introduziu a política das Frentes Populares, que justificava alianças com setores burgueses.

Em suma, temiam que uma revolução internacional pudesse reativar os ânimos das

massas soviéticas e ameaçar o seu poder e seus privilégios. E, assim, foram desmontando conquista após conquista, fazendo com que todos aspectos da vida retrocedessem enormemente.

Nada disso foi feito sem oposição. No período final de sua vida, Lênin se preparava para combater abertamente Stálin e as tendências que ele representava. O registro dessa batalha está impresso em sua “Carta-Testamento”, chamando por sua remoção do cargo de secretário-geral do partido. Com a morte de Lênin, a luta contra a burocratização foi encabeçada por Trotsky e pela Oposição de Esquerda.

A OPOSIÇÃO DE ESQUERDA E A LUTA PELOS SOVIETS E PELA REVOLUÇÃO PERMANENTE

Trotsky e a Oposição defendiam que o grande problema enfrentado pela URSS estava no desenvolvimento da revolução mundial, sendo necessário tirar a URSS do seu isolamento e dar aos trabalhadores soviéticos uma força revolucionária renovada.

Nesse sentido, a Oposição defendia mais do que um novo programa para a recuperação da indústria soviética: defendia restaurar a democracia operária e a influência dos conselhos de trabalhadores, os Sovietes, na tomada de decisões políticas do país, em oposição à crescente centralização burocrática do poder nas mãos de Stálin.

Para a Oposição, era vital o retorno da plena democracia no partido e na Internacional

Comunista, para que ocorresse um debate aberto sobre as alternativas para a URSS e que isto provocasse a regeneração do partido e da Internacional, permitindo encontrar uma linha correta para a revolução Internacional.

Nas décadas que se seguiram, o Estado, havia se transformado em um aparato burocrático e repressivo, que impedia qualquer tipo de democracia. Isso só foi possível porque Stálin implementou uma sangrenta contrarrevolução, assassinando ou prendendo milhares de dirigentes, quadros e militantes bolcheviques.

MAS HAVIA OUTRO CAMINHO...

Nada estava predestinado a acontecer. O stalinismo não foi uma consequência lógica do bolchevismo, como defendem os ideólogos liberais e conservadores. Tampouco o stalinismo foi uma necessidade histórica para o “desenvolvimento da URSS”, como afirmam (de forma envergonhada ou não) certos *influencers* neostalinistas, que enchem a boca pra enaltecer os supostos “feitos históricos” de Stalin.

Essa visão é tosca e obtusa. Geralmente, é acompanhada pela velha cantilena de que o confronto Trotsky-Stálin foi um pouco mais do que uma tempestade em um copo d’água, já superado pela História.

É preciso fazer um alerta: por trás dessa verborragia em busca de alguns *likes*, oculta-se uma falsa concepção de socialismo, estranha ao marxismo, pois despreza completamente a democracia operária e, conseqüentemente, a capacidade da classe operária e demais classes

oprimidas em governar. Isto é, em constituir aquilo que Karl Marx chamou de “sociedade de produtores associados”.

O stalinismo foi uma contrarrevolução burocrática, produto da complexa situação histórica descrita acima, e que servia aos interesses de uma casta de burocratas, ávidos em manter seus privilégios.

Mas havia outra alternativa, um outro caminho para o desenvolvimento da revolução, no qual reflorescesse a democracia operária nos Sovietes e brotasse novamente a criatividade em todos os campos da sociedade, a partir do livre debate de ideias e na exportação da revolução mundial, com a criação de novas repúblicas socialistas mundo afora.

Essas novas nações seriam sustentadas por um proletariado mais desenvolvido e culturalmente mais avançado do que o russo. Ao mesmo tempo, essa expansão traria de volta para a União Soviética uma força revolucionária renovada. Esse foi o programa da Oposição de Esquerda. E essa foi obsessão de Trotsky depois de sua expulsão da URSS.

Ao mesmo tempo que defendia intransigentemente as conquistas sociais da Revolução de Outubro, obtidas sob a base da socialização dos meios de produção, Trotsky sustentou que elas só poderiam ser resguardadas caso a burocracia stalinista fosse varrida do poder, com uma revolução política, que restaurasse a democracia dos soviets, mantendo a propriedade social.

Do contrário, Trotsky dizia, a própria revolução estaria ameaçada, ou sob uma restauração capitalista vinda de uma agressão imperialista externa – tal como Hitler tentou em 1939 – ou sob as mãos da própria burocracia, como o líder da Oposição de Esquerda previu e de fato aconteceu, entre os anos 1980-90.

Portanto, para todos os que defendem um socialismo genuíno, lastreado na democracia operária e no controle político e econômico efetivo pelos trabalhadores (e não por uma casta burocrática), o legado e as lições de Trotsky permanecem mais vitais do que nunca. Para estes, o grito de alerta e de esperança segue ecoando através do tempo:

Trotsky Vive!

MINAS GERAIS

Metalúrgicos se unificam pela campanha salarial e contra os ataques de Trump



PSTU - MG



Ato dos metalúrgicos de MG pela campanha salarial

Após quase duas décadas, no dia 5 de agosto, mais de 200 trabalhadores e dirigentes sindicais, vindos de todas as regiões do estado, protagonizaram um marco histórico na luta dos metalúrgicos mineiros.

Convocados pelas quatro federações da categoria e por sindicatos ligados às centrais sindicais – CSP-Conlutas, CUT, CTB e Força Sindical, representando cerca de 330 mil trabalhadores –, os trabalhadores da categoria entregaram, de forma unificada, suas pautas de reivindicações à Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG).

O ato, realizado em frente à sede da patronal,

demonstrou a força e a determinação da categoria. Com gritos de guerra e manifestações de apoio, os metalúrgicos deixaram evidente sua posição: este ano será diferente.

As reivindicações incluem 11% de aumento salarial, fim da escala 6×1, redução da jornada de trabalho sem diminuição de salários, melhores condições laborais e ampliação dos direitos sociais. A mensagem foi direta: sem negociação, haverá luta.

A REALIDADE DOS METALÚRGICOS MINEIROS

Os metalúrgicos de Minas Gerais enfrentam uma situação insustentável. Os baixos salários da categoria contrastam drasticamente com o aumento constante dos preços dos produtos básicos, medicamentos e serviços essenciais.

Enquanto a inflação corrói o poder de compra das famílias trabalhadoras, os patrões comemoram, ano após ano, recordes em seus lucros, expandindo a produção a tal ponto que a FIEMG tem feito coro com a “choradeira da falta de mão de obra”. O problema é que os salários dos metalúrgicos de Minas Gerais são os menores da região Sudeste, apesar do estado ter a segunda maior produção.

A saúde do trabalhador metalúrgico também está em risco. As péssimas condições de trabalho, aliadas à pressão por produtividade e jornadas extensivas, têm causado adoecimento físico e mental. Acidentes de trabalho, lesões por esforço repetitivo e transtornos psicológicos tornaram-se rotina em muitas fábricas. A escala 6×1 – trabalhar seis dias e folgar apenas um – esgota os trabalhadores e trabalhadoras, comprometendo sua qualidade de vida e convívio familiar.

UNIDADE COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA

Este primeiro passo marca o início de uma campanha que priorizará ações unitárias nas regiões onde for possível, com estratégias comuns para cada momento da negociação. A reconstrução da unidade sindical, embora desafiadora, permanece como a principal ferramenta para impedir o desmonte dos direitos trabalhistas conquistados ao longo de décadas.

A categoria metalúrgica também manifesta sua preocupação e resistência contra o “tarifaço” implementado pelo governo Trump, que ameaça diretamente os empregos e a indústria nacional.

“Vamos exigir, além de nossas reivindicações, que o governo brasileiro aplique imediatamente a Lei da Reciprocidade, defendendo de forma efetiva os empregos e direitos dos trabalhadores brasileiros afetados por essas medidas protecionistas norte-americanas. Além disso, vamos exigir que o governo não permita a remessa de lucros de empresas norte-americanas ao exterior enquanto essas mesmas empresas se beneficiam de tarifas que prejudicam a indústria nacional e os trabalhadores brasileiros. É inadmissível que a classe trabalhadora continue sendo prejudicada enquanto permite a saída de recursos que poderiam fortalecer nossa economia e gerar mais empregos”, explica Jordano Carvalho, dirigente da Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais.

O fortalecimento dessa unidade depende da mobilização de todos os trabalhadores, especialmente daqueles que estão no chão de

fábrica. É na base que se constrói a força necessária para enfrentar tanto a resistência patronal quanto as ameaças externas do imperialismo norte-americano.

A campanha salarial dos metalúrgicos mineiros representa mais que uma negociação: é uma luta pela dignidade, pela saúde e pelo futuro de centenas de milhares de famílias trabalhadoras. É hora de fazer valer a força da unidade da classe trabalhadora, resgatando seu caráter classista, independente e combativo.

HISTÓRIA

Memória e resistência

Após a entrega da pauta, os metalúrgicos marcharam até a sede do antigo Departamento de Ordem Política e Social (Dops), símbolo da repressão durante a ditadura militar, onde muitos trabalhadores da categoria foram presos e torturados.

Hoje ocupado por movimentos sociais que lutam para transformá-lo em um Memorial da Resistência, o local representa a continuidade histórica da luta por direitos e democracia. Esse gesto simbólico demonstra que a categoria mantém viva a memória daqueles e daquelas que lutaram pela liberdade e pelos direitos trabalhistas.

PAUTA

Reivindicações justas e necessárias

As demandas apresentadas pelos metalúrgicos refletem necessidades básicas, de dignidade no trabalho:

Aumento salarial de 11%, para recuperar o poder de compra perdido com a inflação.

Fim da escala 6×1, garantindo mais tempo para descanso, família e lazer.

Redução da jornada sem perda salarial, promovendo melhor qualidade de vida.

Melhores condições de trabalho, priorizando a saúde e a segurança ocupacional.

Ampliação dos direitos sociais, fortalecendo a proteção social dos trabalhadores.■



Ato dos metalúrgicos de MG pela campanha salarial

“O DESPEJO PODE SAIR A QUALQUER MOMENTO”

Luta dos Queixadas chega à etapa decisiva



VANESSA MENDONÇA, LIDERANÇA DA OCUPAÇÃO E MILITANTE DO LUTA POPULAR, E ISRAEL LUZ, DE SÃO PAULO (SP)



Arraiá dos Queixadas realizado em junho. Foto: Sergio Koei.

No dia 11 de agosto, o Ministério Público de Cajamar (SP) se manifestou pela reintegração de posse da Ocupação dos Queixadas. Mais do que nunca, é hora de solidariedade de classe para derrotar a ganância e o autoritarismo dos poderosos.

“JUSTIÇA” AGE COM DESPREZO PELOS MORADORES

Até o começo de agosto, o Ministério Público (MP) ainda não tinha se pronunciado sobre o processo referente à comunidade. Essa etapa é necessária para que um juiz possa decidir (a favor ou contra) a permanência dos trabalhadores e trabalhadoras no local.

Lamentavelmente o MP se declarou favorável tanto ao despejo quanto ao plano da prefeitura, que não prevê para onde as famílias poderão ir,

mencionando apenas abrigos temporários como alternativa. Isso é um crime.

A Ocupação dos Queixadas existe desde 2019 e, hoje, conta com praticamente 100 famílias. Formadas em grande parte por mulheres e crianças negras elas transformaram uma terra ociosa, antes usada somente como lixão, em um bairro vivo, com casas, histórias e laços comunitários.

Por outro lado, como destacado pela nota do Luta Popular, movimento filiado à CSP-Conlutas: “A pessoa que se diz dona do terreno não tem o registro do imóvel no seu nome e, inclusive, entrou com uma ação de usucapião, em 2016, para tentar passar o título para o nome dela”.

O modo como os dois lados desta história são tratados revela uma “justiça” que escolheu o lado dos ricos e da especulação imobiliária.

O CAPITALISMO ROUBA A CASA DAS PESSOAS

Ninguém acorda um dia e resolve ocupar terrenos, sem infraestrutura, para levantar a própria casa. Essa decisão é imposta pela negação do direito à moradia digna. Se você duvida preste atenção no exemplo que damos a seguir.

São Paulo é uma das 25 maiores cidades do planeta. Atingiu esse patamar expulsando trabalhadores das áreas mais estruturadas para as periferias. Hoje em dia, de todas as capitais do Brasil, é na capital paulista onde mais faltam moradias adequadas.

Cajamar é parte da Grande São Paulo e um dos municípios mais ricos do estado. Empresas como a Amazon e a Mercado Livre possuem galpões gigantescos, lucram milhões e garantem uma grande arrecadação para a prefeitura.

“Seria possível desapropriar o terreno, indenizar a proprietária e reverter a terra para as famílias, por meio de um projeto de regularização do bairro”, também mostrou o Luta Popular.

Em outras palavras: a solução justa é simples. Mas o prefeito, morador de um condomínio de luxo, que nem fica em Cajamar, não pensa assim.

PREFEITO AINDA NÃO ASSINOU DOCUMENTO

Kauã Berto é do Partido Social Democrata (PSD), o mesmo de Gilberto Kassab. Como prefeito, tem competência legal para executar políticas públicas de habitação de interesse social e regularização de comunidades de baixa renda.

Sabendo disso, os moradores conseguiram uma vitória importante junto ao governo do estado, que abriu a possibilidade de incluir a Ocupação dos Queixadas em um programa habitacional. Para isso acontecer, bastava uma assinatura do prefeito num ofício.

Por isso nos últimos meses, o Luta Popular e diversos movimentos e personalidades vêm insistindo: “Pra não despejar, só falta o Kauã assinar”. No entanto, isso não aconteceu até agora, mesmo com várias tentativas de diálogo por parte do movimento.

Na ocasião mais recente, em 16 de agosto, uma comissão de mulheres da Ocupação buscou falar com ele, em uma caminhada contra violência de gênero. Ao ser questionado por uma moradora que está há 10 anos na cidade, o prefeito perguntou de qual cidade ela tinha vindo até chegar ao Queixadas. Ao ouvir a resposta, inacreditavelmente ele ofereceu transporte de volta.

Mas Kauã ainda fez pior. Tentou constranger a mulherada lutadora dizendo ao microfone: “Respeitem as mulheres...”. Ao que responderam: “E nós? Não somos mulheres?”.

QUEIXADAS FICA!

Nossa humanidade, a gente afirma na luta

A pergunta das mulheres tocou em uma questão central. Os poderosos não veem o povo trabalhador como gente igual a eles. Só isso explica a completa falta de sentido da fala do prefeito.

Os trabalhadores e trabalhadoras da periferia, especialmente negros e descendentes de indígenas, são tratados como um “problema” a ser eliminado. Há séculos.

Não importa que a cidade tenha recursos para dar moradia a todo mundo. A opção é expulsar, pura e simplesmente, para o mais longe possível, como prova a “sugestão” da administração de levar os pertences dos moradores para a

Ocupação Esperança, que fica em outra cidade. Nossa humanidade, a gente afirma na luta. E, por isso, é hora de intensificar a batalha para garantir a permanência da ocupação. Não ao despejo! Casa é pra morar e não pra lucrar! Queixadas fica! ■



Arraiá dos Queixadas realizado em junho. Foto: Sergio Koei.

ARLINDO DOMINGOS DA CRUZ FILHO

O sambista perfeito



ELIAS ALFREDO,
MILITANTE DO NÚCLEO MADUREIRA DO PSTU-RJ E PRESIDENTE DO GRUPO AFRO AGBARA DUDU (RJ)



Fonte: Arlindo Cruz | Instagram

É triste, pois foi mais um bamba que o mundo do samba perdeu. Arlindo Cruz partiu. Mas, fomos pro “gurufim” [“adeus”, em quimbundo, língua falada no Sul da África, também usado para os velórios festivos, marcados pela música, dança, comida, bebida, contação de histórias etc.] e festejamos o teu existir entre nós. E isto será pra eternidade, através das suas obras musicais que ficarão em nossos corações e mentes.

E foi assim, conforme seu pedido e desejo, que nos despedimos do homem negro, sambista, compositor, músico, chefe de família, pai, amigo, parceiro das horas fáceis e difíceis. Sujeito sagaz e estrategista na arte de fazer sambas, a paixão de sua vida.

Foi na quadra da sua Escola de Samba de coração, a Império Serrano, que fizemos a despedida da “matéria física”, como é costume no mundo africano. Foi lá que realizamos o “Gurufim do Arlindo”: cantamos, tocamos, sambamos e, assim, o reverenciamos já como parte de nossos ancestrais, alguém que “fez a passagem”, atingindo o descanso físico entre nós.

SENSIBILIDADE DE POETA, GINGA DE SAMBISTA

Arlindo trazia consigo, já no próprio nome, a sensibilidade de um artista. Afinal de contas, ele se chamava “Ar-lindo”, uma junção que carrega um tom poético que, também como é comum nos saberes africanos, é a essência da poesia: a força da palavra em si.

Essa era a maestria desse nosso querido Ar-lindo Cruz. Assim era o sambista que nós conhecemos, com o qual convivemos e que tanto nos encantou ao longo de sua trajetória e através de obras musicais nas mais variadas linhas do samba.

O Partido Alto, por exemplo, ele aprendeu com seu mestre maior, Antônio Candeia Filho e/ou Mestre Aniceto, da Império Serrano, sua Escola do coração. Mas também enveredou pelo samba-canção e o samba-afro, como atesta a música que ele fez para nós, do Grupo Afro Agbara Dudu, onde, para nossa satisfação, Arlindo “batia ponto” sempre que podia, tendo inclusive desfilado no carnaval do Bloco nos idos anos 1980/1990.

Esse era o Arlindo Cruz, de Madureira, de

Oswaldo Cruz e do mundo. Um guerreiro dos bons na defesa do samba e, por isso mesmo, não é à toa que seu nome esteja vinculado à história do Fundo de Quintal e que ele seja um dos organizadores de rodas de samba como a do Cacique de Ramos, o Pagode de Cascadura ou o Pagode do Arlindo, no Teatro Rival, onde ele podia ser visto, resistindo e mantendo a chama acesa, mesmo num momento de grande batalha pessoal, quando enfrentava um tratamento, a base de morfina, para minimizar profundas dores do joelho.

Depois, foram oito anos de batalha pela vida, após um acidente cardiovascular, e, aí, no dia 8 de agosto, o mundo do samba sofreu esse tremendo baque: Arlindo nos deixou.

Algo que, sem sombra de dúvida, foi um choque, por mais que, de certa forma, estivéssemos – familiares, parentes, amigos e nós que convivemos com ele – preparados para este momento. Mesmo assim, o sentimento de perda foi enorme.

O SAMBA NAS VEIAS DE UM COMPOSITOR INSPIRADO

Arlindo era afilhado musical do grande Mestre Candeia, a quem foi apresentado pelo pai, o Arlindão, quando iniciou sua carreira, ainda muito jovem, com 13 anos, quando seu potencial artístico já despontava, comprovando uma “máxima” entre nós: tem gente que carrega o samba nas veias.

Em seu percurso, foi de provável oficial da Força Aérea Brasileira para o samba, que transformou

em opção de vida, nos brindando com “clássicos” e sucessos antológicos, que marcaram a história do samba do Rio de Janeiro e do Brasil, como “Bagaço da laranja”, “Camarão que dorme a onda leva”, “Meu lugar”, “O show tem que continuar”, “Só pra contrariar” ou “Tá perdoado”, dentre centenas de outros.

Vivi uma experiência interessante com esse “poeta do samba”, quando a Império Serrano atravessava uma crise, tendo sido rebaixada do Grupo Especial e enfrentando problemas financeiros e muitos desentendimentos.

Numa conversa, Arlindo falou de suas preocupações com aquele cenário e disse que buscava uma saída. E fez isto. Tentando reunir todo mundo no Alto da Serrinha, produziu um documento (tipo um “manifesto”), chamando pela unidade, em defesa da “luta maior”, que era levantar a bandeira da Escola e superar a crise. O recado foi bem dado e, mais importante, compreendido. A Império Serrano avançou naquele ano na sua organização.

DESCANSE EM PAZ, IRMÃO!

Nas questões políticas e sociais do nosso país, Arlindo sempre esteve antenado com os assuntos do nosso povo e da nossa classe. Também foi um compositor consciente do seu papel político. As letras de vários de seus sambas traduzem sua compreensão de mundo, como artista comprometido, principalmente com a luta negra e do nosso povo sofrido dos morros e favelas desse país.

Tempos atrás, tive a oportunidade de ouvir do

próprio Arlindo que sua opção de voto era “contra burguês vote 16”, como também tive o prazer de conversar bastante com ele sobre elaborações políticas do PSTU, naquela época.

Esse foi o Arlindo Cruz Poeta do Samba, que tive a oportunidade de conhecer e com o qual convivi em alguns momentos de sua vida. Descanse na paz do seu Orun, meu Irmão!

Seguiremos na luta “contra o burguês” e ouvindo e cantando suas composições.

**“O meu lugar é cercado de luta e suor,
esperança de um mundo melhor.”
- Arlindo Cruz**

